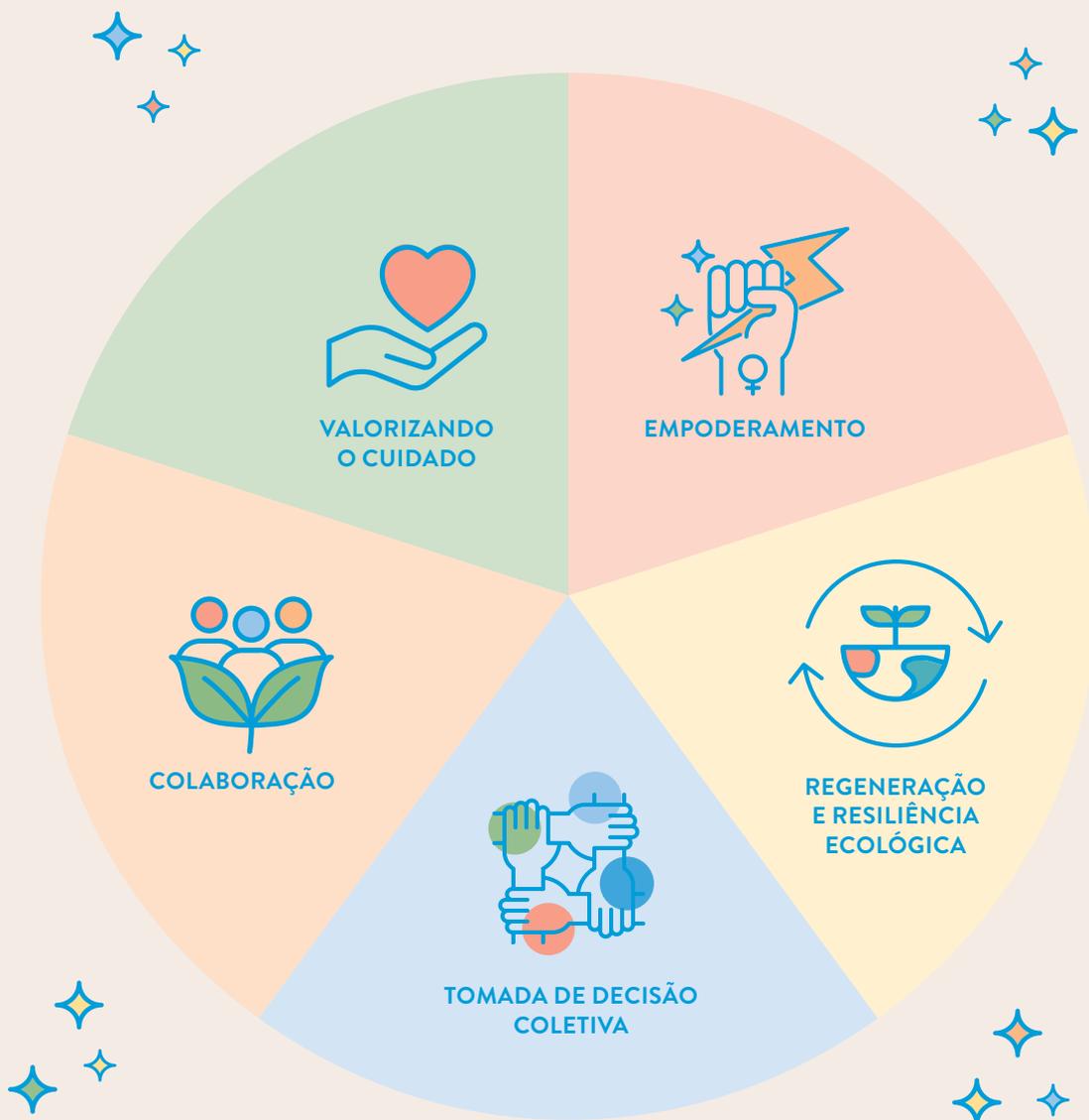


CENTELHAS DE UMA NOVA ECONOMIA



Como comunidades estão vivendo os valores de uma economia centrada no bem-estar

Uma economia que respeita as pessoas e o planeta já está em construção!

À medida que as crises interseccionais do colapso ecológico planetário, das guerras e dos conflitos, dos estados autoritários, e da desigualdade de classes e da privação social nos encaram de frente, há uma busca desesperada por alternativas. Existem caminhos para a tomada de decisões e para a economia que possam nos tirar dessas crises, e, ao mesmo tempo, enfrentar os desafios do patriarcado, do racismo, do sistema de castas e das novas formas de colonialismo? Temos alternativas práticas e conceituais que também possam nos ajudar a sanar a ruptura com a natureza criada por meio milênio de destruição colonial e neocolonial?

Esta pequena publicação, elaborada com muito bom gosto, diz: “sim”! As histórias que apresenta, todas provenientes do Sul global, são de pessoas anteriormente desfavorecidas e marginalizadas (mulheres, meninas, povos indígenas, sem-terra, trabalhadores não organizados), que se mobilizam para transformar as suas vidas em direção a uma maior segurança econômica e autossuficiência. Para isso, essas pessoas muitas vezes são ajudadas por grupos da sociedade civil ou indivíduos de fora da região em questão, mas, em última análise, é a própria confiança, força, conhecimento e sabedoria que estabelecem as suas iniciativas em bases sólidas. Lemos sobre mulheres rurais urbanas que agora gerenciam suas próprias cooperativas ou empresas, comunidades pastoris e indígenas que melhoram os seus meios de subsistência baseados em recursos locais, mulheres que contribuem significativamente para uma melhor saúde comunitária e individual por meio de um melhor status econômico, comunidades urbanas que combinam meios de subsistência melhorados com atividades culturais, e muito mais.

A publicação destaca vários “temas” comuns a essas histórias diversas: centralizar o cuidado, empoderar mulheres e meninas, nutrir os bens comuns, reduzir os danos ambientais, bem-estar em diversas formas, tomada de decisão participativa e compartilhamento de poder, criar resiliência, compartilhar riqueza, transferência intergeracional de conhecimento e cultura, e cultivar e acessar alimentos de forma sustentável. Mostra que resultados mais amplos podem ser alcançados por meio de mudanças nas políticas governamentais que apoiam essas iniciativas.

A natureza interseccional da transformação também se manifesta claramente. Embora tratem principalmente de soluções “econômicas”

que as comunidades estão praticando nos seus territórios, essas histórias também apresentam vislumbres de transformações políticas, ecológicas, culturais e sociais necessárias para que a economia funcione em prol das pessoas e do planeta. Na Índia e em outros lugares, vemos isso como uma “[Flor da Transformação](#)”, com [cinco pétalas que se cruzam](#) — democracia política radical, democracia econômica, diversidade cultural e de conhecimento, bem-estar e justiça social, e resiliência e regeneração ecológica.¹ No cerne dessa Flor estão a ética ou os valores que constituem a base da transformação: equidade, justiça, direitos humanos e os direitos da natureza, diversidade, solidariedade, bens comuns e assim por diante. É possível vislumbrar muitas dessas pétalas e valores nas histórias apresentadas aqui.

Gostaria de ter visto uma breve menção em cada uma das histórias sobre os desafios que enfrentam para sustentar tais transformações, bem como sobre o problema de se deparar com o poder capitalista e estatista que muitas dessas iniciativas enfrentam quando tentam ampliar o alcance de suas iniciativas. Ou talvez uma lista de recursos adicionais onde se possa encontrar esses elementos. Mas, ao ler sobre as lutas através das quais todas essas histórias surgiram, é possível vislumbrar alguns desses desafios.

No geral, as histórias são convincentes o suficiente para fazer com que os leitores acreditem, ou pelo menos tenham uma semente plantada em suas mentes, na possibilidade de uma economia que funcione para todos os seres humanos e para o planeta.

Precisamos de muitos mais relatos como esse em todo o mundo; em um nível modesto, alguns de nós temos tentado fazer isso por meio de iniciativas como a [Vikalp Sangam](#) na Índia e, em outras partes do mundo, a [Radical Ecological Democracy](#) (Democracia Ecológica Radical) e a [Global Tapestry of Alternatives](#) (Tapeçaria Global de Alternativas).² Esta publicação da Oxfam é uma adição muito bem-vinda à crescente busca e visibilização de alternativas reais que centralizam as pessoas do Sul global.

Ashish Kothari

Vikalp Sangam and Global Tapestry of Alternatives
<https://ashishkothari.in>

PREFÁCIO

Pela Oxfam Novib e Comissão Huairou

A Oxfam Novib e a Comissão Huairou têm um compromisso histórico com a mudança dos sistemas econômicos: abordar as causas fundamentais da desigualdade socioeconômica. No programa FAIR for ALL, unimos esforços para angariar apoio para uma nova narrativa econômica – uma narrativa centrada no bem-estar das pessoas e do planeta, e não na extração, no crescimento e no lucro desenfreado.

Esta publicação destaca várias dessas abordagens. Demos a ela o nome de “Centelhas de uma nova economia” para atrair os leitores a essas ideias inovadoras de reimaginar nosso sistema econômico. Em todo o mundo – principalmente no Sul Global e em comunidades marginalizadas – práticas comunitárias de baixo para cima que desafiam a mentalidade econômica dominante estão surgindo e ilustrando como modelos de negócios alternativos centrados nas pessoas podem melhorar o acesso das pessoas a alimentos, energia e cuidados.

Essas iniciativas aplicam valores e critérios de sucesso diferentes: recompensar a coletividade e a administração dos recursos naturais e compartilhar o acesso a necessidades e serviços básicos. E se baseiam em conhecimentos profundos (ancestrais), anteriores à economia neoliberal, que valoriza o bem-estar econômico de grupos em vez do bem-estar econômico individual.

A Comissão Huairou, um movimento social global de base liderado por mulheres que cria resiliência em comunidades de alto risco, apresenta cinco exemplos de seus membros nesta publicação. A Oxfam Novib compartilha quatro “Centelhas” das suas colaborações com comunidades e empresas de vanguarda para criar alternativas e responsabilizar as empresas.

Quando se trata de imaginar o novo sistema econômico de que precisamos, é com essas comunidades do Sul Global que devemos aprender.

Numa época em que os países do Norte Global parecem não querer mais investir em um modelo econômico holístico e centrado nas pessoas, as comunidades pobres urbanas e rurais estão nos ensinando os valores e as boas práticas que podem sustentar nossas famílias, comunidades e economias ao longo do tempo.

Leia as histórias maravilhosas, inspire-se com os pontos em comum e acenda o fogo por uma nova economia que coloca as pessoas e o planeta no seu (e no nosso) coração!

Violet Shivutse

Chair, Huairou Commission

Lilian Alibux

Director, Oxfam Novib

CENTELHAS DE UMA

Em todo o mundo, comunidades estão remodelando economias para refletirem aquilo que valorizam: cuidado, empoderamento, regeneração e resiliência ecológica, tomada de decisões coletivas e colaboração. Estas comunidades estão provando que um modelo econômico alternativo – que prioriza as pessoas e o planeta acima do lucro – é possível.

O atual modelo dominante prioriza o crescimento econômico e o lucro em detrimento do bem-estar das pessoas e do planeta. Embora algumas pessoas tenham se beneficiado, muitas foram deixadas para trás devido aos níveis crescentes de desigualdade e à destruição ecológica generalizada. Em vez de gerar prosperidade para todas as pessoas, o sistema tem produzido danos materiais, psicológicos e ecológicos generalizados.

Em um mundo de abundância, todas as pessoas devem ter acesso ao que precisam para garantir seu conforto, segurança e bem-estar, e devem ser capazes de usar suas energias criativas para apoiar o florescimento de toda a vida no nosso planeta. A menos que transformemos a forma como a economia funciona, jamais alcançaremos esse objetivo.

Ao longo da última década, o crescente descontentamento com o sistema econômico atual levou economistas, políticos e pensadores de diversas disciplinas a explorar modelos que vão além do crescimento econômico e, em vez disso, priorizam o bem-estar das pessoas e do planeta. Nas bases, as comunidades estão criando iniciativas econômicas alternativas, enraizadas nas realidades locais e impulsionadas pela ação coletiva.

Este documento apresenta uma série de estudos de caso: uma rica coleção de oito iniciativas comunitárias que abrangem o leste da África, o sul da África, o Oriente Médio, a América do Sul e o sul da Ásia. Essas iniciativas foram cuidadosamente selecionadas com base nas abordagens inovadoras das comunidades para a transformação econômica local. Os estudos de caso foram elaborados por meio de entrevistas com líderes de cada comunidade para obter uma compreensão aprofundada das iniciativas, ao mesmo tempo em que também se basearam numa revisão da literatura para contextualizar – incluindo as maneiras pelas quais os governos estão desempenhando um papel crucial na ampliação dessas iniciativas.

O que emerge é uma série de histórias inspiradoras que refletem um novo paradigma econômico que está tomando forma a partir do zero no mundo todo, com alguns temas em comum.

TEMAS COMUNS

VALORIZANDO O CUIDADO

A compreensão do valor da tarefa de cuidar é essencial para cada uma dessas iniciativas prósperas, que reconhecem que o bem-estar dos seres humanos e do planeta deve estar no centro da economia.

No Brasil, o Centro Viver Melhor da Rede Pintadas defende a dignidade e o pertencimento, oferecendo serviços essenciais a crianças, idosos e membros vulneráveis da comunidade. No Quênia, a Winam Grassroots alivia a carga de trabalho das mulheres, fornecendo refeições nutritivas, seguro-saúde e abrigos seguros para famílias em crise.

Em cada uma das iniciativas, à medida que as mulheres se tornam economicamente ativas, elas conseguem garantir que a renda familiar seja utilizada de forma a colocar o bem-estar da família e da comunidade em primeiro lugar. Isso está mudando a dinâmica de poder nos lares e nas comunidades. À medida que os homens reconhecem o valor da contribuição das mulheres, eles estão compartilhando as responsabilidades pelo cuidado e pela tomada de decisões sobre a renda familiar, e os governos estão sendo pressionados a valorizar e compensar adequadamente o cuidado comunitário.

As comunidades entendem que o cuidado não se trata apenas de garantir a sobrevivência por meio do atendimento às necessidades básicas. Através da arte, da música e das celebrações comunitárias, elas demonstram que o cuidado também significa permitir que as pessoas vivam plenamente e com alegria.



Hasem Al Shaer. Foto: Mistura de compostagem

→ Palestina

NOVA ECONOMIA

INDO ALÉM DAS NORMAS DE GÊNERO

Mulheres e meninas são desproporcionalmente afetadas pelos impactos de mercados não regulamentados, mudanças climáticas e outras crises. Essas iniciativas vão além das normas de gênero que desvalorizam os papéis econômicos das mulheres e garantem que elas tenham poder de decisão, independência financeira e acesso seguro à terra e outros recursos.

As mulheres podem investir em propriedades agrícolas, proporcionando renda e segurança alimentar enquanto cuidam da terra. Com treinamento, pequenos investimentos de capital e apoio da comunidade, elas estão criando negócios – processando alimentos, produzindo artesanato e vendendo produtos que sustentam suas famílias. À medida que cresce o reconhecimento de suas contribuições, as mulheres estão assumindo papéis de liderança, moldando as decisões em suas comunidades e influenciando as políticas locais. Além do empoderamento econômico e político, as iniciativas estão promovendo mudanças significativas nas normas culturais patriarcais.

Por exemplo, graças às suas atividades de sensibilização e advocacy, a Rede de Mulheres Rurais (Rural Women's Network) no Quênia registrou uma redução nos casos de mutilação genital feminina e casamento infantil.

→ Uganda



Uganda coffee.
Foto: Tinkasiimire Peter Paul

→ Quênia



Bomba de irrigação. Foto: Rede de Mulheres Rurais

GOVERNANÇA COLETIVA E COMPARTILHAMENTO DE RIQUEZAS

Em vez de concentrar o poder nas mãos de poucas pessoas, o poder é compartilhado coletivamente, juntamente com as responsabilidades que o acompanham. Todas as iniciativas deste estudo adotam a participação democrática, valorizando o conhecimento local, indígena e feminino. Isso resulta em economias que beneficiam as comunidades, em vez de empresários de outras regiões ou elites políticas.

As cooperativas são um modelo comum. De propriedade dos membros e administradas pelos mesmos, cooperativas buscam a tomada de decisão coletiva para seu gerenciamento e garantir que os lucros sejam compartilhados de forma justa. No entanto, as cooperativas não são a única maneira de alcançar a tomada de decisão e benefícios compartilhados. A Zombo Coffee, em Uganda, por exemplo, superou os desafios sistêmicos ao criar um modelo de negócios em que os agricultores locais são participantes e tomadores de decisão ativos. Em vez de dependerem de grandes unidades de processamento, onde não têm voz ativa na definição de preços e ficam à mercê das flutuações globais dos preços das commodities, os agricultores administram estações de microprocessamento, recebem uma renda digna e são respeitados como parte importante da cadeia de valor.

Enquanto isso, a Rede Pintadas no Brasil reinveste seus lucros em uma rede de empreendimentos locais, que vão desde uma fábrica de ração animal até uma cooperativa de crédito que oferece empréstimos a juros baixos para a população local.

Ao contrário dos modelos de negócios capitalistas que extraem lucros para poucos, essas iniciativas oferecem salários justos, reinvestem em projetos comunitários, criam oportunidades para a população local e compartilham os lucros coletivamente, mantendo a riqueza na economia local.



→ África do Sul

Treinamento prático em horta alimentar.
Foto: Madelein Herwil

CRIANDO RESILIÊNCIA E GESTÃO AMBIENTAL

As comunidades que menos contribuíram para a crise climática estão enfrentando suas piores consequências. As iniciativas apresentadas nesta publicação não estão apenas respondendo às crises – elas estão criando resiliência, minimizando os danos ao meio ambiente local e, ao mesmo tempo, regenerando os ecossistemas.

Em vez de permitir que alguns poucos privilegiados explorem os recursos naturais, as comunidades estão demonstrando que a terra, a água e os recursos locais podem ser nutridos e sustentados para o bem de todas as pessoas. Ao recuperar práticas agrícolas regenerativas, melhorar o acesso à terra e coletar água coletivamente, estas comunidades garantem que os recursos são compartilhados de forma mais equitativa. Por exemplo, a pesquisa participativa está ajudando a Winam Grassroots no Quênia a aprender como as comunidades podem aumentar a resiliência às inundações que destroem seus cultivos e meios de subsistência, enquanto Keravriksha na Índia está apoiando as comunidades a se adaptarem às inundações e secas.

A Compost Mix no Território Palestino Ocupado (OPT, na sigla em inglês) transforma resíduos em composto usado por agricultores e municípios, e a Rede Pintadas também criou iniciativas inovadoras de gestão de resíduos.

Cada um dos estudos de caso demonstra como a resiliência comunitária e a gestão ambiental se entrelaçam para o benefício de todas as pessoas.

PRODUZINDO ALIMENTOS DE FORMA REGENERATIVA

Durante décadas, a agricultura industrial tem retirado os nutrientes da terra, provocado o declínio da biodiversidade e explorado os pequenos agricultores, priorizando o lucro a curto prazo em detrimento da soberania alimentar a longo prazo. Estas iniciativas estão reconstruindo sistemas alimentares que são locais, sustentáveis e resilientes.

Ao integrar o conhecimento tradicional com métodos agroecológicos, as comunidades estão melhorando a saúde do solo, aprimorando a conservação da água e fortalecendo a soberania alimentar.

Técnicas como conservação de sementes, compostagem, coleta de água e controle natural de pragas estão substituindo produtos químicos sintéticos caros e nocivos. O projeto de agricultura sustentável da Zombo Coffee e o treinamento da Shibuye estão equipando os agricultores com habilidades e ferramentas para se adaptarem às mudanças climáticas. A Rede Pintadas apoia agricultores locais na produção de ração animal natural usando resíduos alimentares, enquanto o projeto Mulheres no Campo usa a experiência local para defender políticas nacionais que apoiem a agroecologia.

Essas comunidades estão demonstrando que a agricultura é mais do que apenas a produção de alimentos: é um ato de amor, um compromisso com as gerações futuras e uma maneira de criar resiliência.

RESGATANDO O CONHECIMENTO E A CULTURA TRADICIONAIS

Durante séculos, os sistemas coloniais e capitalistas desvalorizaram o conhecimento indígena, apagaram práticas culturais e impuseram modelos econômicos extrativistas. Estas comunidades estão resgatando e integrando o conhecimento local e tradicional às práticas modernas, e afirmando o seu direito de moldar seu futuro em torno de suas próprias culturas.

As mulheres estão liderando esse movimento. No Quênia, a Rede de Mulheres Rurais está dando nova vida ao artesanato tradicional com miçangas, combinando independência econômica com orgulho cultural. Em muitas das iniciativas, as mulheres estão resgatando técnicas agrícolas indígenas que haviam sido abandonadas em favor de sementes e insumos químicos controlados por empresas.

Os exemplos servem como prova de que o conhecimento tradicional não é uma relíquia do passado – ele é uma chave para um futuro próspero.

Brasil



Reunião na Assembleia de 2025.

Foto: Equipe de comunicação da Rede Pintadas

Índia



Modelo de um acre. Foto: Swayam Shikshan Prayog

CONTENTS

CRIANDO EQUIDADE

Um modelo que prioriza o agricultor no norte de Uganda

08

ARTESANATO E CULTIVO

Reimaginando os meios de subsistência das mulheres rurais nas comunidades Massai do sul do Quênia

10

CAMPOS FLORESCENTES

Como as mulheres agricultoras estão combatendo as mudanças climáticas e a insegurança alimentar no oeste e sul da Índia

12

COMPOSTO COMO CATALISADOR

Empoderando agricultores e regenerando o solo no Território Palestino Ocupado

14

RESTAURANDO DIREITOS, REGENERANDO TERRAS

O poder das diretrizes de arrendamento de terras conduzidas pela comunidade para mulheres no oeste do Quênia

16

ABRINDO O CAMINHO

Resistindo à marginalização e regenerando economias no nordeste do Brasil

18

RESILIÊNCIA ENRAIZADA

Reimaginando os meios de subsistência das mulheres rurais no sul do Quênia

20

CULTIVANDO FORA DE ÉPOCA

Agroecologia e autonomia para mulheres trabalhadoras agrícolas no oeste e norte da África do Sul

22

COCRIANDO MUDANÇAS

O roteiro intersetorial do Vietnã para uma economia humana

24

AMPLIAÇÃO

Os governos desempenham um papel vital

25

CENTELHAS DE UMA NOVA ECONOMIA

Como comunidades ao redor do mundo estão iluminando o caminho para um futuro melhor

26

CRIANDO EQUIDADE

Um modelo que prioriza o agricultor no norte de Uganda

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Andy Carlton

Diretor administrativo e cofundador da Zombo Coffee Partners

Aggrey Chombe

Diretor de produção da Zombo Coffee Partners e líder de equipe da Agência para o Empoderamento Comunitário (Agency for Community Empoderamento)



Uganda coffee. Foto: Sven Torfin

A maioria da população da região de Zombo, no norte de Uganda, é formada por agricultores de subsistência que dependem do café como cultura comercial.

Há muito tempo, esses agricultores enfrentam desafios sistêmicos, especialmente a imprevisibilidade dos preços do café, que desestimula investimentos de longo prazo. A Zombo Coffee Partners, que opera nas Terras Altas de Alur, nos distritos de Nebbi, Zombo e Arua, foi criada para enfrentar esses desafios, conectando pequenos agricultores ao mercado internacional de cafés especiais. A empresa foi fundada por Andy Carlton, cuja visão da empresa foi moldada por suas duas décadas de experiência em projetos para pequenos produtores de café em toda a África.

A Zombo Coffee tem como objetivo melhorar a qualidade do café produzido por e criar empregos sustentáveis nas comunidades locais, melhorando assim os meios de subsistência e a qualidade de vida dos agricultores – ao mesmo tempo em que mantém um negócio sustentável e em crescimento.

A Zombo Coffee pré-financia 15 micro estações (pequenas unidades de processamento) anualmente, oferecendo empréstimos sem juros para equipamentos de produção e custos operacionais, permitindo que a empresa compre cerejas de café de seus produtores membros. A empresa garante um preço mínimo por quilo de cereja de café fresca, que é ligeiramente superior ao preço de referência do Fairtrade Living Income (Renda Digna de um Comércio Justo) para o café arábica de Uganda. Cada micro estação, de propriedade e operada por 50 a 250 agricultores, processa as cerejas em café seco, que é então enviado à fábrica da Zombo Coffee para posterior processamento e exportação. A Zombo Coffee compartilha anualmente uma parte de seu lucro líquido com os agricultores e oferece às micro estações a opção de investir na empresa. Segundo Andy, “nossa promessa, acordada com todos os nossos compradores, é que o nosso preço para a cereja de café fresca nunca ficará abaixo de US\$ 0,60 por quilograma, independentemente do que aconteça no mercado global. E sempre que tivermos lucro, o compartilharemos com todos os nossos produtores.”

A partir de um começo modesto, a Zombo Coffee Partners alcançou novos patamares. Em seu primeiro ano, trabalhou com apenas seis grupos de agricultores, cada grupo com sua própria micro estação. Utilizando uma loja alugada em Zombo e uma fábrica comercial de

moagem a seco em Kampala, a empresa exportou um pouco mais de um contêiner de café. Apesar dos desafios iniciais, incluindo a falta de financiamento, Andy registrou formalmente a Zombo Coffee Partners Ltd em 2018, usando suas próprias economias como capital inicial. O lema da empresa, “Três Ps: Paciência, Persistência, Presença”, ajudou a empresa a crescer, juntamente com o apoio de compradores internacionais e os esforços colaborativos de parceiros como a ONG local Agência para o Empoderamento Comunitário (AFCE, na sigla em inglês), que fornece apoio fundamental na negociação de financiamento por parte de doadores para novas micro estações construídas por novos grupos de produtores de café. Em 2025, a empresa conta com 15 micro estações e seu próprio moinho de café seco e exporta anualmente sete contêineres de café para destinos em todo o mundo. Atualmente, a empresa compra café de quase 5.000 produtores nos três distritos, beneficiando estes produtores, suas famílias e a comunidade em geral.

VALORIZAR O CUIDADO

À medida que as mulheres agricultoras têm uma melhor renda e ganham mais reconhecimento por meio de sua participação na cadeia de valor do café, formas de trabalho há muito negligenciadas – como cozinhar, limpar a casa e cuidar dos filhos – também estão se tornando mais visíveis.

Cada vez mais, em vez das decisões serem tomadas apenas por homens, mulheres e homens estão se engajando em um planejamento conjunto das questões familiares e priorizando objetivos de longo prazo, tais como construir uma casa e investir em educação.

Essas mudanças foram apoiadas, em parte, pela introdução do Sistema de Aprendizagem de Ação de Gênero (GALS, na sigla em inglês), uma metodologia liderada pela comunidade que incentiva uma tomada de decisão mais equitativa dentro das famílias. Embora o GALS seja principalmente uma ferramenta para promover a equidade de gênero, seus efeitos em cascata são profundamente sentidos na forma como as responsabilidades domésticas estão sendo reconhecidas e distribuídas de forma mais justa.

Existem inúmeras histórias de casais que colaboram de forma mais intencional, com os homens reconhecendo o verdadeiro alcance das contribuições das mulheres – não apenas no campo, mas também no

sustento da vida familiar. Em vez de gastar a renda em compras não essenciais, como bebidas alcoólicas, algumas famílias estão investindo juntas para um futuro melhor.

REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

Em resposta aos impactos das mudanças climáticas, como secas e tempestades de granizo, cada micro estação conta com um instrutor dedicado que ajuda os produtores de café a adotarem práticas agrícolas resilientes e inteligentes em relação ao clima.

Um projeto de agricultura regenerativa está em andamento há dois anos para introduzir práticas que incluem a cobertura morta, a coleta de água e o uso de biofertilizantes, que nutrem o meio ambiente e protegem o bem-estar a longo prazo das comunidades locais.

Dois membros da equipe oferecem treinamento prático adicional para apoiar essas iniciativas. Os primeiros resultados são promissores, com aumento da produtividade e cerejas de café de melhor qualidade, mesmo com a presença de doenças nas culturas. A Zombo Coffee já adotou o projeto como prática padrão e ele está sendo gradualmente estendido a todos os 5.000 produtores de quem a empresa compra café.

TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

Cada micro estação é administrada por um comitê executivo de líderes eleitos, incluindo um presidente, um secretário e membros do comitê. Os líderes são eleitos em uma Assembleia Geral Anual (AGA), garantindo a responsabilização e a representação dos produtores membros. As micro estações operam de acordo com seus próprios estatutos, refletindo princípios e diretrizes acordados por seus membros.

A tomada de decisão é conduzida democraticamente. Algumas micro estações já estão registradas como cooperativas, enquanto outras estão em processo de registro para a condição de cooperativa.

O engajamento com os produtores e os comitês é um pilar fundamental da parceria. Por meio de reuniões regulares, sessões de treinamento e planejamento colaborativo, a Zombo Coffee garante a transparência.

A Agência para o Empoderamento Comunitário (AFCE, na sigla em inglês) desempenha um papel fundamental no engajamento com a comunidade agrícola, e a Zombo Coffee trata os produtores como parceiros, envolvendo-os nas decisões sobre as operações e conectando-os diretamente com os compradores para entenderem melhor a dinâmica do mercado.

COLABORAÇÃO

A Zombo Coffee prospera através da colaboração. A empresa trabalha em estreita colaboração com produtores, compradores e organizações locais, garantindo que todas as partes interessadas contribuam e se beneficiem do processo de produção do café. Este modelo de parceria promove o apoio mútuo e o compartilhamento de riscos. Os produtores contam com a empresa para obter pré-financiamento, preços justos, treinamento, educação, transparência e acesso ao mercado, enquanto a empresa depende dos produtores para o fornecimento de café de alta qualidade.

Outro aspecto fundamental para o sucesso deste modelo é a comunidade de compradores – pessoas que estão dispostas a pagar preços justos por um café de alta qualidade e a serem verdadeiros parceiros, comprometendo-se com relacionamentos de longo prazo e aceitando os riscos inerentes ao modelo de negócios.

Criar parcerias com compradores que compartilham essa visão é crucial. A Zombo Coffee tem um acordo com seus compradores de que nunca pagará aos produtores menos do que um preço mínimo, com base no preço de referência de renda digna da Fairtrade International para o café de Uganda.

EMPODERAMENTO

Embora muitas cooperativas em Uganda enfrentam diversos problemas para se sustentar, a Zombo Coffee criou um modelo próspero baseado no fortalecimento de capacidades e em parcerias equitativas. Os produtores recebem apoio em relação às habilidades e os recursos necessários para administrar suas propriedades de forma eficaz, e, ao mesmo tempo, trabalham em estreita colaboração com a empresa para navegar em um mercado complexo.

Ao mesmo tempo, a empresa promove ativamente a equidade de gênero, criando espaços para a liderança e a capacitação financeira das mulheres.

O GALS é fundamental para essa abordagem, ajudando mulheres e homens a mapearem suas visões para o futuro e a desafiar normas de gênero prejudiciais.

Através do GALS, as mulheres se sentem mais confiantes, têm uma maior participação nas decisões domésticas, e recebem um maior apoio dos membros masculinos da família. A empresa também oferece pagamentos de prêmios para o café produzido por mulheres, incentivando o aumento da produção e a geração de renda para as mulheres agricultoras. Esses esforços resultaram em mudanças significativas na dinâmica de gênero – com as mulheres assumindo papéis mais visíveis na agricultura, na liderança e na geração de renda, e com os homens apoiando cada vez mais o trabalho feminino, tanto no campo quanto em casa.

<https://zombocoffee.com>



Uganda coffee. Foto: Tinkasiimire Peter Paul



Aumento da exportação de Uganda



5,000 agricultores



Manter a sustentabilidade

ARTESANATO E CULTIVO

Reimaginando os meios de subsistência das mulheres rurais nas comunidades Massai do sul do Quênia

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Pauline Kariuki

Diretora, Rede de Mulheres Rurais (Rural Women's Network)

Lazarus Maina

Consultor (pesquisa, treinamento, programação)



Bomba de irrigação. Foto: Rede de Mulheres Rurais

A Rede de Mulheres Rurais (RWN, na sigla em inglês) foi criada no Quênia em 2011 como uma organização de base liderada por mulheres. Sua missão é equipar mulheres rurais agricultoras de pequeno porte com habilidades e recursos para criar meios de subsistência sustentáveis.

Historicamente, a RWN tem apoiado comunidades pastoris, especialmente os Massai, ajudando as mulheres a aproveitarem os recursos pecuários, como leite e esterco, para geração de renda. No entanto, a crescente frequência de secas tem prejudicado esses meios de subsistência tradicionais, deixando as mulheres particularmente vulneráveis.

Organizações de mulheres de base já existiam na região antes do envolvimento da RWN. Esses grupos eram, em sua maioria, da comunidade Massai, onde as mulheres se reuniam para tentar economizar ou tomar emprestado recursos para melhorar suas casas de barro e esterco de vaca. Reconhecendo essas redes já estabelecidas, a RWN consultou as mulheres para identificar suas necessidades mais urgentes. Por meio dessas conversas, o cultivo de hortaliças e a adoção de métodos agrícolas resilientes ao clima surgiram como soluções para combater a desnutrição que mulheres e crianças enfrentam quando o gado migra durante os períodos de seca.

Em resposta, a RWN lançou Centros de Aprendizagem de Meios de Subsistência (Livelihood Learning Centres) para apoiar as mulheres na busca de fontes alternativas de renda e na criação de resiliência. O primeiro centro foi estabelecido no condado de Kajiado, seguido por mais dois em 2022 e 2023. Nos centros, as mulheres aprendem técnicas como coleta de água, irrigação com baldes, agricultura resistente à seca, aplicação de herbicidas orgânicos e apicultura. O artesanato com miçangas foi introduzido como uma fonte adicional de renda, com as mulheres mantendo o controle sobre a produção e as vendas. Atualmente, os centros atendem 48 grupos e mais de 1.500 mulheres, cujas vidas melhoraram significativamente como resultado dessas atividades.



O centro atende 1500 mulheres



Trabalhos com miçangas para renda adicional



Mantém a sustentabilidade



VALORIZAR O CUIDADO

Nas comunidades Massai, as mulheres são responsáveis por cuidar dos filhos, realizar tarefas domésticas e fornecer alimentos para a família, muitas vezes dependendo do gado para se alimentar. Quando os animais migram devido à seca, as mulheres ficam sem leite ou qualquer fonte de renda, agravando a insegurança alimentar. Os Centros de Aprendizagem de Meios de Subsistência permitem que as mulheres produzam seus próprios alimentos, reduzindo assim a dependência dos ciclos erráticos da criação de gado. As mulheres cultivam hortaliças e criam galinhas indígenas – uma prática nova entre os Massai –, melhorando a nutrição da família e reduzindo o tempo que elas gastam na busca por alimentos. Estruturas de cooperação permitem que as mulheres compartilhem responsabilidades e gerenciem tarefas coletivamente, o que também alivia sua carga de trabalho.

Ao conquistar sua independência financeira como resultado da renda obtida com o trabalho com miçangas e a agricultura, as mulheres ganharam maior poder de decisão em suas famílias. Isso significa que elas conseguiram direcionar uma parcela maior das finanças domésticas para o bem-estar de suas famílias.

A desnutrição, especialmente entre mulheres grávidas e crianças, tem sido historicamente um problema grave nessas comunidades e muitas vezes é agravada durante os períodos de migração do gado. Ao capacitar as mulheres para cultivar hortaliças e criar galinhas, os centros de aprendizagem as ajudaram a melhorar a nutrição familiar, o que levou a melhores resultados em termos de saúde materna e infantil. Os bebês agora são mais bem nutridos e há menos casos de anemia durante a gravidez, criando bases mais saudáveis para a próxima geração.



REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

Nos centros de aprendizagem, as mulheres participam de treinamentos práticos sobre técnicas agrícolas de conservação e inteligentes em relação ao clima. Isso garante que seus métodos de cultivo são ambientalmente sustentáveis e resilientes aos desafios climáticos.

Essas práticas enfatizam o uso de esterco local e herbicidas e fertilizantes orgânicos caseiros, em vez de pesticidas sintéticos e fertilizantes nitrogenados nocivos.

Outros métodos de agricultura agroecológica incluem cobertura morta, agrossilvicultura e pulverização orgânica para aumentar a fertilidade do solo, conservar a água e proteger as culturas e a biodiversidade.



TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

Cada centro é administrado coletivamente, com mulheres tomando decisões importantes sobre produção, vendas e alocação de recursos. Cargos de liderança – como presidente, secretário e tesoureiro – são preenchidos por meio de um processo de nomeação, garantindo representatividade e responsabilização.

Na iniciativa de artesanato com miçangas, as mulheres gerenciam coletivamente a produção e as vendas, garantindo que ninguém saia prejudicado. Elas agora estão trabalhando em prol do marketing cooperativo para que possam contornar os intermediários exploradores e garantir melhores preços para seus produtos.

A RWN apoiou a criação de três Sociedades Cooperativas Multifuncionais lideradas por mulheres no Condado de Kajiado, no Quênia. Cada cooperativa estabeleceu uma estrutura de liderança, e as líderes receberam treinamento em gestão de cooperativas, governança e capacitação financeira.

Essas cooperativas oferecem uma plataforma estruturada para que mulheres da zona rural economizem dinheiro, comercializem seus produtos e trabalhos com miçangas e tenham acesso a empréstimos, promovendo uma maior inclusão financeira.



COLABORAÇÃO

Como uma organização baseada em projetos, a RWN não possui funcionários permanentes, de modo que os Centros de Aprendizagem de Meios de Subsistência são administrados principalmente pela comunidade. As mulheres locais assumem o comando e lideram o treinamento, organizam as atividades e supervisionam as operações cotidianas, com o apoio da equipe da RWN.

Os centros de aprendizagem promovem fortes laços comunitários ao reunir mulheres de diferentes origens para colaborar e compartilhar conhecimentos. Embora a RWN tenha se concentrado originalmente na comunidade Massai, a iniciativa se expandiu para incluir mulheres de 12 tribos diferentes, promovendo a aprendizagem intercultural e a solidariedade.

O impacto nas comunidades vai além dos ganhos financeiros – os centros desempenham um papel fundamental no apoio a espaços seguros para discussões sobre questões sociais, incluindo a violência de gênero, a mutilação genital feminina (MGF) e o casamento infantil.

Tradicionalmente, as decisões sobre a MGF são tomadas por líderes comunitários do sexo masculino, e as mulheres geralmente não têm autonomia para contestar diretamente essas decisões. Para lidar com isso, os centros trabalham com “defensores” homens que rejeitam práticas nocivas e atuam em defesa das mulheres. Esses defensores incluem líderes religiosos, idosos, maridos e filhos, que colaboram com as mulheres para sensibilizar e falar com os chefes tribais em nome delas.

Os resultados dessas atividades já estão sendo vistos na área onde o primeiro centro foi estabelecido: as taxas de MGF começaram a diminuir

lentamente e cada vez mais meninas estão continuando seus estudos em vez de serem forçadas ao casamento infantil.



EMPODERAMENTO

As mulheres agora estão cultivando alimentos suficientes para alimentar suas famílias, aliviando a fome e a desnutrição para elas e seus filhos, especialmente durante os meses de seca. Elas têm uma fonte adicional de renda proveniente da venda de produtos agrícolas excedentes em mercados locais; isso também lhes permite economizar dinheiro, pois não precisam comprar produtos frescos em supermercados. Por meio de uma colaboração com o governo local, as mulheres começaram a secar vegetais para armazenamento e venda durante os períodos de seca, garantindo a disponibilidade de alimentos durante todo o ano.

A RWN realiza treinamentos para capacitar as mulheres em questões de orçamento e poupança, garantindo que elas possam estar bem-informadas na tomada de decisão sobre aspectos financeiros. Em alguns casos, as mulheres usam seus rendimentos para pagar mensalidades escolares, investir em melhorias nas suas casas e comprar gado. Em vez de considerar as mulheres financeiramente independentes como uma ameaça, alguns homens agora reconhecem que as contribuições das mulheres proporcionam uma maior renda e estabilidade para toda a família.

As mulheres, que antes tinham pouca influência nos assuntos da comunidade, agora estão participando da tomada de decisão em vários níveis. Algumas se juntaram a comitês locais e estruturas de liderança, defendendo políticas que apoiam os direitos econômicos das mulheres.

Além disso, essas iniciativas desafiam diretamente as premissas coloniais que desvalorizam o conhecimento, as formas de arte e as práticas comunitárias indígenas ao resgatar o tradicional artesanato de miçangas Massai como uma fonte de empoderamento econômico e orgulho cultural para as mulheres.

<https://ruralwomenQuênia.org>



Alimentação de frangos - Empresa de frangos indígenas. Foto: Rede de Mulheres Rurais

CAMPOS FLORESCENTES

Como as mulheres agricultoras estão combatendo as mudanças climáticas e a insegurança alimentar no oeste e sul da Índia



Mulheres agricultoras de base - acionistas do coletivo da Organização de Produtores Agrícolas de Keravriksha Foto: Swayam Shikshan Prayog

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Chandran Puthiyottil

Gerente Sênior de Programas de Resiliência Comunitária, Swayam Shikshan Prayog (SSP)

A Swayam Shikshan Prayog (SSP), uma ONG fundada em 1998, tem trabalhado com 350.000 mulheres agricultoras em sete estados Indianos, alcançando mais de seis milhões de pessoas por meio de suas iniciativas de agricultura sustentável.

Este estudo de caso se concentra em dois empreendimentos agrícolas pioneiros liderados por mulheres que a SSP iniciou em regiões da Índia propensas a desastres. A primeira é a Organização de Produtores Agrícolas de Keravriksha (Keravriksha FPO, na sigla em inglês), que promove uma agricultura liderada por mulheres, resiliente ao clima, em Wayanad, Kerala, uma área frequentemente afetada por deslizamentos de terra e inundações. A segunda é a Organização de Produtores Agrícolas Sarayi Sakhi (FPO Sarayi Sakhi, na sigla em inglês), que opera no distrito de Bhoom, em Maharashtra, uma região propensa a secas, onde apoia mulheres agricultoras a desenvolverem resiliência por meio da agricultura sustentável.

Em ambas as regiões, o mapeamento de riscos de vulnerabilidade da SSP identificou a insegurança alimentar como um dos principais desafios, levando a um foco na segurança alimentar e no empoderamento econômico. Em vez de priorizar culturas comerciais visando um lucro rápido, as iniciativas se baseiam em um modelo no qual as mulheres têm acesso a um lote de terra de 0,5 a 1,0 acre onde podem cultivar de 10 a 15 variedades de hortaliças, principalmente para consumo doméstico. A abordagem prioriza o bem-estar das famílias e com isso, tem conseguido

reduzir a desnutrição entre mulheres e meninas, que tradicionalmente são as últimas a comer e as primeiras a ficarem sem se alimentar em épocas de escassez de alimentos.

Nos últimos quatro anos, 30.000 agricultoras se beneficiaram dessas iniciativas lideradas por mulheres. O reconhecimento das iniciativas por parte do governo resultou em mais recursos e treinamento, permitindo que as mulheres tenham acesso a novas técnicas e vendam seus produtos a preços justos. Segundo Chandran Puthiyottil, gerente de programas da SSP:

“Nosso objetivo é criar um espaço para as mulheres na cadeia de valor agrícola, promovendo produtos orgânicos a preços justos



VALORIZAR O CUIDADO

Durante muitos anos, os homens dominaram as propriedades agrícolas familiares nessas regiões, priorizando os lucros rápidos com culturas comerciais, e não estavam dispostos a ceder terras para as mulheres cultivarem. Graças às Organizações de Produtores Agrícolas, os homens têm visto os resultados positivos das mulheres agricultoras e as atitudes começaram a mudar.

Os maridos e os homens mais velhos da família agora dão mais apoio e não apenas concedem às mulheres acesso à terra, mas também compartilham responsabilidades de cuidados, como cuidar dos filhos enquanto suas esposas estão trabalhando no cultivo ou visitando os mercados.

Embora as mulheres ainda assumam a maior parte da carga de trabalho de cuidados – acordar antes do amanhecer para buscar água, cuidar das tarefas domésticas e, em seguida, cultivar suas terras –, elas expressam orgulho e alegria em seu trabalho. Seus

campos florescentes e o reconhecimento por parte de outras pessoas lhes trazem felicidade e um senso de realização.

REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA



O mapeamento de riscos de vulnerabilidade da SSP revelou graves desafios provocados pela crise climática – secas em Maharashtra e aumento das inundações em Kerala. A resposta prioriza práticas agrícolas regenerativas e agricultura inteligente em relação ao clima, incluindo o uso de variedades de sementes locais e fertilizantes orgânicos, além de uma maior eficiência hídrica. Esses métodos reduziram o uso de produtos químicos, restauraram a saúde do solo e aumentaram a biodiversidade.

Em Kerala, as parcerias governamentais também oferecem treinamento e distribuição de sementes, ajudando as comunidades a se adaptarem às mudanças nas condições ambientais.



TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

O Conselho de Administração da Keravriksha FPO é composto por cinco a dez diretores, que são eleitos anualmente. Os diretores realizam reuniões mensais para tomar decisões, que são comunicadas aos membros. Os membros são acionistas, e, como tal, podem se tornar diretores ao longo do tempo. Os acionistas contribuem com fundos para se associar e se tornarem proprietários coletivos da organização, enquanto os diretores contribuem com uma quantia maior. Os lucros são compartilhados igualmente entre os membros no final do ano fiscal. As principais decisões são tomadas coletivamente em reuniões do Conselho de Administração com a participação de todos os membros. As mulheres, que antes eram excluídas da tomada de decisões financeiras, agora influenciam as escolhas econômicas domésticas e estão se envolvendo em questões comunitárias.

Como explica Chandran, “as mulheres participam de tomada de decisão em questões familiares e, posteriormente, abordam questões comunitárias, desenvolvendo habilidades de liderança”.



COLABORAÇÃO

Wayanad é uma estação montanhosa em Kerala com dez tribos indígenas distintas, incluindo a comunidade Paniya, que foi escravizada sob o domínio britânico. Os legados coloniais moldaram a mentalidade econômica. Sobrecarregados pelo legado da escravidão, os habitantes desta comunidade há muito tempo se percebem apenas como trabalhadores, e não como donos de propriedades agrícolas. Como resultado, estes habitantes se limitaram a trabalhar nas propriedades de outras pessoas, muitas vezes retornando para casa para um ciclo de inatividade e, em alguns casos, de abuso de substâncias. No entanto, essa mentalidade está mudando gradualmente. Graças aos esforços da SSP, 150 agricultores indígenas e suas famílias estabeleceram hortas em suas próprias terras. Pela primeira vez, muitos estão começando a cultivar alimentos em pequena escala, abraçando seu potencial como proprietários rurais autossustentáveis.

Um impacto positivo em mulheres e crianças já é evidente, com melhorias na felicidade e no bem-estar das pessoas amplamente divulgadas.

As mulheres agricultoras compartilham ativamente conhecimentos e apoiam umas às outras em grupos de agricultoras, fortalecendo a interdependência. A aprendizagem entre pares e os diálogos locais

impulsionam a iniciativa. As mulheres líderes, conhecidas como sakhi (palavra hindi para “companheiras”), coordenam atividades, mobilizam os grupos de agricultoras e interagem com o governo local. Em Kerala, os grupos são, portanto, chamados de Grupos de Agricultoras Sakhi. Essas comunidades de mulheres influenciam as políticas de direitos à terra, têm acesso a recursos agrícolas e estabelecem organizações de agricultoras para a geração de renda sustentável.



EMPODERAMENTO

Em Kerala, existe atualmente uma forte parceria entre a SSP e Krishi Vigyan Kendra (KVK), um centro de pesquisa agrícola sediado no Departamento de Agricultura. KVK surgiu como resultado das autoridades estaduais terem ficado impressionadas com as atividades da primeira FPO dessa magnitude liderada por mulheres na região. KVK forneceu 500.000 rúpias (€ 5.500) para financiar um moinho de farinha, e a SSP complementou esse investimento fornecendo equipamentos para o processamento de coco, cúrcuma e café, criando um centro de produção abrangente. As mulheres vendem os produtos do moinho, juntamente com produtos agrícolas, em duas lojas em Kerala.

Em Maharashtra, a Sarayi Sakhi FPO produz produtos à base de leite, como ghee e khova. As vendedoras recebem um honorário mensal com a receita das vendas, e pequenas margens de lucro estão começando a ser geradas. Antigamente, essas mulheres dependiam do pouco dinheiro que seus maridos ganhavam com a venda de produtos agrícolas para comprar alimentos para suas famílias. Agora, as mulheres agricultoras vendem seus produtos diretamente aos consumidores e recebem preços justos por meio de iniciativas de marketing lideradas pela FPO. Essa estrutura garante uma redistribuição de renda mais justa e fortalece a participação econômica ao priorizar os produtores locais em vez de intermediários exploradores.

No passado, as mulheres desta região não tinham voz ativa em questões financeiras. Hoje, elas têm autonomia para tomar decisões importantes em áreas como gastos com educação e saúde, além de poderem contribuir para as despesas familiares.

Isso representa uma mudança significativa na dinâmica de poder e desafia as normas econômicas e de gênero arraigadas que historicamente marginalizaram as mulheres.

<https://swayamshikshanprayog.org>



Conferindo os preços e a qualidade dos produtos feitos pelas mulheres do coletivo da Organização de Produtores Agrícolas de Keravriksha. Foto: Swayam Shikshan Prayog



Parceria com o Governo de Kerala



30.000 mulheres agricultoras beneficiadas



Distribuição mais justa da renda

COMPOSTO COMO CATALISADOR

Empoderando agricultores e regenerando o solo no Território Palestino Ocupado



Hassem Al Shaer. Foto: 4K Media Production/ Oxfam 2024

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Amjad Anabtawi

Sindicato dos Agricultores Palestinos (Palestinian Farmers Union)

Majd Al Khoury

Líder do Projeto FAIR for ALL, Oxfam OPT



Contrato municipal



Reduzindo a poluição do ar



Resiliência econômica local

A Compost Mix foi criada por Hassem Al Shaer em sua aldeia na Cisjordânia, Território Palestino Ocupado (OPT, na sigla em inglês), para produzir uma mistura de composto rica em nutrientes e sem odor a partir de resíduos coletados localmente.

Hassem, que tem doutorado em psicologia, não tinha experiência em agricultura. Quando uma fábrica abandonada ficou disponível, ele se inspirou na oportunidade de negócio e decidiu montar uma unidade de compostagem, aprendendo tudo do zero. Contra todas as probabilidades, ele conseguiu transformar a fábrica abandonada em uma próspera unidade operacional de compostagem. No entanto, quando uma disputa sobre a propriedade da fábrica com o município levou ao fechamento da fábrica, Hassem retornou à sua aldeia natal e fundou a Compost Mix para colocar em prática as suas novas habilidades.

Hassem solicitou financiamento para comprar equipamentos de compostagem e expandir suas operações. Sua empresa foi uma das 30 selecionadas, entre 400 empresas candidatas, para receber subsídios e apoio para treinamento do Sindicato dos Agricultores Palestinos (Palestinian Farmers Union). Graças a essa ajuda e ao apoio adicional da Oxfam OPT, Hassem conseguiu expandir

seus negócios, explorar novos mercados e criar vínculos com agricultores locais. Em apenas três meses após a inauguração da nova unidade de compostagem, em setembro de 2024, ele vendeu composto no valor de 45.280 novos shekels israelenses (NIS) (US\$ 12.362), gerando um lucro de 8.480 NIS (US\$ 2.315).

A Compost Mix expandiu sua presença para diversas áreas na Cisjordânia, incluindo Qalqilya, Ramallah, Tulkarem, Nablus, Salfet e Hebron.



VALORIZAR O CUIDADO

Atualmente, a Compost Mix emprega sete pessoas. Haseem e os funcionários conseguem pagar pela educação dos seus filhos e contribuir para o bem-estar familiar. Em tempos de crise, como a guerra em curso, esses empregos são a salvação, oferecendo segurança financeira quando outras fontes de renda diminuem.

A Compost Mix também apoia o sustento das pessoas de quem compra resíduos, incluindo mulheres agricultoras, gerando assim benefícios indiretos para o trabalho de cuidado e o bem-estar das crianças.



REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

Além de melhorar a fertilidade do solo, a iniciativa reduz diretamente a poluição ambiental. Resíduos agrícolas – incluindo matéria orgânica – geralmente são queimados, liberando emissões nocivas na atmosfera. A Compost Mix atenua esse problema ao reaproveitar e tornar os resíduos em um composto que nutre o solo, reduzindo a poluição do ar e promovendo práticas agrícolas regenerativas.

A compostagem convencional na região frequentemente utiliza dejetos de galinha, que produzem odores fortes. A Compost Mix foi pioneira em um processo que incorpora dejetos de cordeiro a materiais orgânicos como folhas de goiaba e abacate, resultando em um composto de alta qualidade e sem odor.

A empresa teve um avanço significativo quando Hassem fechou um acordo com o município de Habla para coletar grandes quantidades de resíduos agrícolas que seriam incinerados. Em troca, a Compost Mix fornece composto gratuito ao município quando necessário, criando uma solução sustentável e mutuamente benéfica para a gestão de resíduos. O município utiliza esse composto para plantar árvores em espaços públicos. Hassem também conseguiu assinar um contrato com o município de Ramallah, que agora compra composto da Compost Mix regularmente.



COLABORAÇÃO

Ao obter estrategicamente insumos de agricultores locais e, em troca, oferecer composto de qualidade superior a um preço justo, a Compost Mix está ajudando a fortalecer as relações comerciais intracomunitárias.

Os criadores de ovelhas do município de Habla, que muitas vezes lutam e enfrentam dificuldades pelo seu sustento, agora podem vender os dejetos animais para a empresa, incentivando-os a permanecer em suas terras e a melhorar os seus meios de subsistência.

Dessa forma, os criadores ganham uma renda extra, o município se beneficia da coleta seletiva de resíduos ecologicamente correta e a Compost Mix ganha uma fonte confiável de resíduos para sua produção de composto.

No passado, muitos agricultores palestinos dependiam de composto de baixo custo importado de Israel. A Compost Mix oferece uma alternativa mais atraente – seu composto é produzido localmente, rico em nutrientes e mais acessível devido à ausência de impostos de importação. Essa mudança promove a resiliência econômica local, mantendo recursos econômicos dentro das comunidades palestinas e garantindo que os agricultores tenham acesso a insumos agrícolas de alta qualidade.



EMPODERAMENTO

A Compost Mix contribui diretamente para a estabilidade econômica de empresários e agricultores locais, com ênfase no apoio a iniciativas lideradas por mulheres.

Os agricultores locais, especialmente mulheres agricultoras, obtêm uma fonte de renda adicional vendendo seus resíduos agrícolas para a empresa.

Até o momento, a Compost Mix comprou um total de 198 toneladas de matéria-prima de cerca de 23 agricultores locais e empresas de mulheres. Hassem também oferece um desconto especial para mulheres agricultoras e cooperativas, fornecendo-lhes composto a preço de atacado (8 NIS/US\$ 2,18 em vez de 10 NIS/US\$ 2,73 por saco) como forma de apoiar seus negócios.

<https://tinyurl.com/5enwccsp>



Cuidando de plantas. Foto: Kieran Doherty/Oxfam GB 2019

RESTAURANDO DIREITOS, REGENERANDO TERRAS

O poder das diretrizes de arrendamento de terras conduzidas pela comunidade para mulheres no oeste do Quênia

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Violet Shivutse

Presidente do Conselho de Administração Global da Comissão Huairou e Diretora de Trabalhadores de Saúde Comunitária de Shibuye (Shibuye Community Health Workers - SCHW)

Samuel Nakhosi

Equipe de Apoio Técnico, SCHW

Doreen Magotsi

Oficial de Programas para Terras e Direitos das Mulheres à Terra, SCHW

Trabalhadores de Saúde Comunitária de Shibuye (Shibuye Community Health Workers - SCHW, na sigla em inglês) uma organização de base liderada por mulheres no Quênia, começou como uma rede de apoio a famílias afetadas pelas consequências devastadoras do HIV/AIDS.

Shibuye logo reconheceu os desafios mais amplos que as mulheres enfrentavam, principalmente em relação à agricultura e à propriedade da terra. Normas culturais e práticas patriarcais limitavam a capacidade das mulheres de herdar terras de seus falecidos maridos ou de comprar terras, e por isso, muitas viúvas perderam o acesso às propriedades familiares e não puderam comprar novos lotes em seus próprios nomes. Como resultado, o arrendamento de terras tornou-se uma alternativa comum para as mulheres, mas acordos informais e sem documentação, muitas vezes resultavam em disputas e exploração. Por exemplo, as mulheres trabalhavam arduamente nas terras arrendadas para melhorar o solo degradado e aumentar a produtividade agrícola, apenas para serem despejadas pelos proprietários, que, em seguida, tomavam posse das terras agora produtivas. Outro desafio era que os maridos arrendavam terras da família sem o conhecimento ou consentimento das mulheres, criando tensões familiares e minando ainda mais o acesso das mulheres a terras agrícolas.

Para resolver isso, Shibuye trabalhou com a organização de pesquisa TMG Berlin para desenvolver as Diretrizes para o Arrendamento de Terras Orientadas pela Comunidade por meio de um processo consultivo em 2015. Inicialmente, o projeto piloto foi realizado no distrito de Isuga Central, e posteriormente Shibuye firmou parcerias com líderes locais para expandir a iniciativa nos condados de Kakamega, Siyaya e Homa Bay.

Ao longo de cinco anos, 278 pessoas – 204 delas mulheres – conseguiram garantir terras por meio dessas diretrizes, possibilitando uma maior participação na agricultura.

Em lugares como o Condado de Siyaya, onde as mulheres tradicionalmente não podiam possuir terras ancestrais, grandes extensões



Instrutores das Diretrizes de Arrendamento de Terras. Foto: Agentes de saúde comunitária de Shibuye

de terras antes ociosas e degradadas agora estão sendo usadas para a agricultura. No Condado de Kakamega, as mulheres conquistaram maior independência na compra e no arrendamento de terras. As diretrizes também foram aplicadas além da agricultura, estendendo-se a empreendimentos como a piscicultura e a produção de batata-doce.

VALORIZAR O CUIDADO

As mulheres nos condados de Kagamega e Homa Bay dedicam de 60% a 70% do seu tempo em atividades relacionadas a cuidados que sustentam suas famílias e comunidades. Elas conseguem conciliar o trabalho agrícola, cuidar dos filhos, apoiar familiares idosos, cuidar de parentes doentes e garantir alimentos para a família.

Ao integrar a sensibilização sobre o cuidado não remunerado em todos os seus programas de treinamento, Shibuye incentiva as comunidades a reconhecerem e abordarem coletivamente a distribuição desigual do trabalho de cuidados.

Com o aumento da renda familiar, muitas mulheres estão priorizando a educação de seus filhos. Espera-se que esse investimento gere mudanças positivas a longo prazo, uma vez que crianças educadas terão maiores oportunidades de sustentar suas famílias, mesmo quando o financiamento por parte de doadores cessar.

REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

Shibuye defende uma abordagem regenerativa para a agricultura que desafia diretamente as práticas agrícolas coloniais e extrativistas. Métodos sustentáveis incluem compostagem utilizando resíduos orgânicos, técnicas de agrossilvicultura, gestão natural de controle de pragas e vermicompostagem (uso de minhocas para produzir fertilizantes ecológicos). Essas abordagens demonstram uma compreensão holística dos ecossistemas agrícolas. Shibuye também defende o uso de culturas resilientes ao clima, capazes de sobreviver e prosperar em condições imprevisíveis, como chuvas cada vez mais irregulares.

Os resultados são convincentes. Os agricultores que utilizam práticas regenerativas têm produzido consistentemente mais alimentos, melhorado a saúde do solo, reduzido a dependência de fertilizantes sintéticos e criado sistemas agrícolas mais resilientes.

No Condado de Siyaya, os agricultores eliminaram com sucesso ervas daninhas usando esterco composto e cal, onde antes os fertilizantes químicos só agravavam o problema.

TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

A abordagem de Shibuye para a tomada de decisão é fundamentalmente participativa e democrática. A criação das diretrizes de arrendamento de terras começou no nível administrativo mais local – o nível de “sublocação” – com chefes auxiliares, que supervisionam aproximadamente 10 anciãos da aldeia que por sua vez são responsáveis por cerca de 50 famílias. Shibuye trabalhou em estreita colaboração com esses chefes auxiliares e anciãos para obter a adesão em nível de base. Em seguida, envolveu os chefes e continuou obtendo o consentimento de líderes administrativos superiores até atingir o nível do condado. Isso garantiu a apropriação da iniciativa pelas comunidades, juntamente com uma ampla adesão generalizada.

As cooperativas constituem a espinha dorsal do modelo de tomada de decisão.

Os líderes são eleitos democraticamente e se alternam a cada dois anos, evitando a concentração de poder nas mãos de poucas pessoas. As reuniões mensais são espaços de discussão e debate coletivo, com fundos geridos de forma comunitária e decisões tomadas de forma transparente e coletiva.

COLABORAÇÃO

A colaboração está no centro do programa de poupança e empréstimo da aldeia. No início de cada ano, as mulheres contribuem para o fundo, que é usado para conceder empréstimos aos membros necessitados. Os mutuários devolvem os empréstimos com uma pequena taxa de juros e, no final do ano, os fundos acumulados são compartilhados entre as pessoas que contribuem com o fundo.

Estratégias comunitárias inovadoras surgiram a partir dos fundos. Na Baía de Homa, o declínio dos estoques de peixes no Lago Vitória levou dois grupos de mulheres a trabalharem em conjunto para desenvolver um viveiro para piscicultura, utilizando a água do lago.

No início de 2023, um dos grupos conseguiu arrendar seu próprio terreno e construir um segundo viveiro, aumentando significativamente a estabilidade de renda das mulheres. As mulheres reinvestiram mais da metade de seus ganhos no projeto e no fundo de poupança da aldeia, que agora está sendo usado para construir um terceiro viveiro.



Expansão pelos condados quenianos



204 mulheres garantiram terras



Acesso das mulheres à terra

EMPODERAMENTO

Ao desafiar as estruturas patriarcais, a iniciativa de diretrizes para o arrendamento de terras e os centros de aprendizagem permitiram que as mulheres não apenas obtivessem acesso à terra, mas também desempenhassem um papel ativo na decisão de como a terra da família é arrendada, quais culturas cultivar (hortaliças africanas e mel são populares, pois têm forte demanda de mercado e se adaptam bem ao solo e ao clima), quando cultivá-las, como vender seus produtos e como agregar valor aos produtos (por exemplo, fazendo batatas fritas de batata-doce).

As mulheres agora produzem em terras arrendadas e mantêm fontes de renda diversificadas e sustentáveis para sustentar suas famílias.

Isso inclui a criação de galinhas, o trabalho como vendedoras nos mercados e a administração de outros empreendimentos de pequena escala. As cooperativas também facilitaram o acesso das mulheres à terra, aos mercados e aos recursos governamentais, como o financiamento do Projeto Nacional da Cadeia de Valor Agrícola e do Departamento de Cooperativas.

As mulheres também têm mais condições de sustentar as suas famílias, inclusive de mandar seus filhos para a escola. A iniciativa incentiva investimentos de pequena escala, como a compra de um único pintinho por US\$ 1. Em apenas um ano, com esse pintinho, uma família pode gerar renda suficiente para cobrir as mensalidades escolares de uma criança. O ciclo é simples, mas poderoso: em seis meses, o pintinho se transforma em uma galinha, põe ovos e choca mais pintinhos. Com o tempo, esse ciclo cria uma fonte de renda autossustentável.

<https://shibuyechw.or.ke>



Mulheres agricultoras de base de Eshirumba em sua fazenda arrendada. Foto: Agentes de saúde comunitária de Shibuye

ABRINDO O CAMINHO

Resistindo à marginalização e regenerando economias no nordeste do Brasil

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Nereide Segala Coelho

Gerente da Plataforma de Mulheres de Base Praticantes de Resiliência no Brasil da Rede Pintadas

A Rede Pintadas é uma rede de 15 organizações sediada no município de Pintadas, na Bahia, Brasil.

Fundada na década de 1970 com base em princípios de justiça social e econômica, Rede Pintadas evoluiu de uma mobilização de base em torno dos direitos à terra para um movimento multifacetado que apoia o empreendedorismo local, o desenvolvimento sustentável e o bem-estar comunitário. Pintadas, um município relativamente jovem com cerca de 10.000 habitantes, historicamente tem enfrentado desafios de pobreza e subdesenvolvimento, mas também tem sido pioneiro no progresso social, como visto na eleição de uma das primeiras prefeitas da região.

Ao longo do tempo, a Rede Pintadas tem estabelecido uma série de iniciativas - todas registradas como pessoas jurídicas - incluindo uma cooperativa de crédito, uma cooperativa de resíduos alimentares, uma associação de mulheres, uma associação de agricultores, uma empresa de marcenaria e um grupo cultural de dança. Por meio da colaboração, essas iniciativas têm fortalecido a economia local e têm contribuído para a resiliência da região mais ampla da Bacia do Jacuípe, que abrange 16 municípios e tem uma população de cerca de 250.000 habitantes.

A Rede Pintadas também apoia 120 grupos de economia solidária na região, prestando apoio crucial em áreas como rotulagem de produtos, acesso a mercados e gestão financeira. Ao oferecer pequenas contribuições financeiras, equipamentos e orientação estratégica, a Rede Pintadas ajuda estes grupos a se tornarem empreendimentos autossustentáveis.

No centro da Rede Pintadas estão 30 membros-chave, conhecidos como “arquitetos” ou “sonhadores”, que orientam sua direção estratégica. Entre estas pessoas está Nereide Segala Coelho, uma líder dedicada que tem sido fundamental na criação e sustentação de inúmeros projetos liderados pela comunidade. Nereide se descreve como “aquela que abre caminhos e portas”.



120 grupos de solidariedade



Reduzir a insegurança alimentar



Cooperativa de crédito com 80.000 associados



Reunião na Assembleia de 2025. Foto: Equipe de comunicação da Rede Pintadas



VALORIZAR O CUIDADO

A Rede Pintadas incorpora o respeito ao cuidado por meio de diversas iniciativas que priorizam o bem-estar da comunidade. Por exemplo, o Centro Viver Melhor oferece apoio direcionado a grupos vulneráveis, incluindo idosos, crianças, pessoas com deficiências e dependentes químicos.

Essa abordagem vai além das métricas econômicas tradicionais (que ignoram ou desprezam o valor do cuidado), reconhecendo a importância do apoio social e da saúde comunitária holística

O trabalho de cuidado da rede se estende ao apoio a associações locais, incluindo associações de mulheres e agricultores. Uma cooperativa cultural financiada pela cooperativa de crédito autossustentável organiza atividades culturais e sociais, como aulas de violão e danças tradicionais. Esta comunidade entende que o cuidado vai além da satisfação das necessidades básicas e inclui também a conexão social e a expressão cultural.



REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

A Rede Pintadas tem desenvolvido iniciativas inovadoras de gestão e reciclagem de resíduos que transformam resíduos em recursos valiosos. Por exemplo, a cooperativa de reciclagem processa resíduos orgânicos, incluindo ossos, gordura e cartilagem de animais, convertendo-os em produtos de limpeza. Nereide liderou uma iniciativa para combater o desperdício local de alimentos, organizando pessoas para coletar frutas não utilizadas e levá-las à Rede Pintadas para processamento e distribuição. Essas frutas agora são vendidas em mercados e fornecidas às escolas locais. A Rede Pintadas conseguiu que o Ministério da Agricultura reconhecesse essas frutas como espécies nativas e desenvolveu técnicas de secagem e armazenamento de alimentos excedentes para reduzir a insegurança alimentar

A comunidade também implementou práticas agrícolas sustentáveis, como o uso de águas residuais para irrigação e a produção de até 1 milhão de quilos de ração animal por ano.

As iniciativas do uso de energia solar em diversos projetos — incluindo a indústria de polpa de frutas, um restaurante e outros empreendimentos — demonstram ainda mais o compromisso com práticas regenerativas que reduzem a dependência de combustíveis fósseis e emissões de carbono.



TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

A tomada de decisão na Rede Pintadas é coletiva e a liderança é descentralizada, com cada uma das 15 organizações tendo seu próprio conselho de administração, eleito pelos seus membros. O conselho da Rede Pintadas é composto por dois representantes de cada organização e fornece uma coordenação geral às organizações.

Embora as decisões sejam discutidas no conselho da Rede Pintadas, cada organização mantém sua autonomia e opera de forma independente.



COLABORAÇÃO

As iniciativas da rede estão profundamente enraizadas nas necessidades locais e emergem diretamente das experiências da comunidade. Da criação da primeira cooperativa de crédito local em 1998 até a abertura do primeiro restaurante em Pintadas em 2002, cada projeto é resultado da cuidadosa identificação das necessidades da comunidade. Por exemplo, a cooperativa de crédito foi criada para oferecer financiamento a moradores e empresas locais já que não existia nenhum banco no município de Pintadas. A cooperativa oferece crédito acessível para empresas locais e é financiada exclusivamente por fundos locais, criando um sistema circular dentro da comunidade local.

Inicialmente, a cooperativa de crédito contava com o dinheiro de aposentados e do comércio local. Os recursos circulavam pela comunidade e, quando a cooperativa enfrentava uma escassez de dinheiro, os membros se uniam para arrecadar fundos de empresas locais. Embora algumas pessoas inicialmente tenham visto a cooperativa de crédito como um empreendimento impossível, a cooperativa cresceu, atingindo o número de 80.000 membros e se expandiu para outros municípios da Bahia e bem como para outros estados. A cooperativa agora oferece serviços financeiros acessíveis a todas as empresas locais, permitindo que as mesmas prosperem e reduzam a dependência de capital externo.



<https://redepintadas.org.br>

A cooperativa financia as atividades culturais e sociais da rede e apoia à associação de mulheres e à associação de agricultores. Cada agência é administrada localmente, com a Rede Pintadas oferecendo treinamento e apoio.

Outro exemplo de interconexão e apoio mútuo da comunidade é visto na forma como os membros de cada uma das diferentes organizações realizam reuniões no restaurante da Rede Pintadas ou compram alimentos da associação de mulheres quando vão organizar um evento.



EMPODERAMENTO

Esta região do Brasil tem sido historicamente marginalizada e negligenciada por políticas públicas e investimentos governamentais. Na falta de apoio e acesso a recursos básicos, as comunidades enfrentaram desafios significativos para desenvolver a economia local. Também tiveram que lidar com a percepção de que as pessoas do Nordeste são improdutivas, incapazes e carentes de conhecimento — uma mentalidade colonial profundamente arraigada. Através do sucesso de todas as suas iniciativas, a Rede Pintadas está provando que esse estereótipo prejudicial está errado e mostrando que o conhecimento e as habilidades locais são ativos valiosos para o desenvolvimento econômico.

A rede rejeita a narrativa colonial de que o conhecimento externo é necessário para resolver os problemas locais, acreditando, e demonstrando claramente, que o principal recurso da comunidade são as pessoas.

Como resultado, pessoas de toda a região conseguiram desafiar as percepções externas de seu valor, e agora se veem como agentes, líderes e criadores. Isso fica evidente na forma como estabelecem e gerenciam diversas iniciativas econômicas, apesar de todas as adversidades.

Reunião na Assembleia de 2025. Foto: Equipe de comunicação da Rede Pintadas

RESILIÊNCIA ENRAIZADA

Reimaginando os meios de subsistência das mulheres rurais no sul do Quênia

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Mary Opot

Cofundadora, Winam Grassroots

Dorothy Midimo

Diretora de programas, Winam Grassroots



Exibindo o jardim. Foto: Winam Grassroots

A Winam Grassroots surgiu como uma resposta às desafiantes condições ambientais e econômicas enfrentadas pelas comunidades nas áreas baixas e propensas a inundações do oeste do Quênia.

A Winam atua em Kisumu, uma cidade cosmopolita, e Siaya, um condado rural. Cofundada por Mary Opot e liderada por Dorothy Midimo como Diretora de Programas, a organização evoluiu de uma iniciativa de preparação para desastres para uma plataforma abrangente de desenvolvimento comunitário.

A Winam iniciou sua jornada atendendo às necessidades imediatas de comunidades frequentemente afetadas por inundações.

Kisumu frequentemente enfrenta escassez de alimentos, e, por isso, os moradores da cidade têm que comprar alimentos de condados vizinhos a preços mais altos. Para as pessoas que vivem em centros de realocação devido às inundações, conseguir comprar alimentos torna-se um desafio intransponível. Isso faz com que muitas famílias enfrentem a fome e condições de extrema vulnerabilidade.

A iniciativa Nutrição alimentar doméstica e perda zero (Homestead Food Nutrition and Zero Loss) da Winam é um projeto de pesquisa participativa de seis meses que aborda a segurança alimentar, o desperdício de alimentos e a soberania alimentar. Por meio de cinco discussões de grupos focais com diversas partes interessadas, o projeto explorou como as comunidades gerenciam o desperdício e armazenamento de alimentos, e a destruição de produtos agrícolas, especialmente em áreas propensas a inundações. A Winam identificou os principais desafios enfrentados pelas mulheres, incluindo a perda de produtos agrícolas devido a fortes chuvas, a falta de armazenamento refrigerado nos mercados, o que leva ao desperdício de alimentos, e a meios de transporte ineficientes. A iniciativa visa desenvolver soluções práticas, tais como estratégias de gestão de inundações, instalações de armazenamento refrigerado e práticas de conservação de sementes, para melhorar a segurança alimentar e a resiliência econômica das famílias.



VALORIZAR O CUIDADO

A abordagem da Winam ao cuidado é multifacetada e está enraizada em um profundo entendimento dos desafios desproporcionais que as mulheres enfrentam. A organização reconhece que as mulheres são as pessoas que mais sofrem o impacto dos desastres climáticos e muitas vezes são forçadas a recomeçar suas vidas com recursos mínimos após inundações.

Uma abordagem inovadora para aliviar a carga de trabalho de cuidados das mulheres é a criação de restaurantes locais que ofereçam refeições a preços acessíveis.

Para muitas mulheres, comprar uma refeição pré-preparada de chapati e feijão é mais econômico e eficiente do que comprar ingredientes e cozinhar do zero. Ao reduzir diretamente o trabalho doméstico, as mulheres têm mais tempo para se dedicar a atividades econômicas ou administrar outras responsabilidades.

A Winam oferece apoio econômico direcionado por meio de pequenos subsídios de aproximadamente US\$ 100, permitindo que as mulheres desenvolvam seus próprios empreendimentos econômicos. A organização também desenvolveu sistemas abrangentes de apoio à saúde, subsidiando planos de saúde para mulheres e incentivando-as a poupar um pequeno valor mensalmente. Até o momento, a Winam pagou metade do custo anual do plano de saúde de 30 mulheres, com as mulheres poupando um valor recomendado de 50 a 100 xelins quenianos mensalmente para cobrir possíveis despesas de saúde.

A organização vai além do apoio econômico, criando grupos sociais onde mulheres podem compartilhar recursos, conselhos e apoio emocional. A Winam também faz parcerias com organizações que oferecem serviços especializados e cuidados para mulheres que sofreram deslocamento e abuso.



REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

As práticas regenerativas da Winam ajudam as comunidades a criarem resiliência diante de eventos climáticos extremos, especialmente inundações. Os agricultores construíram pequenos diques para canalizar a água para longe de suas propriedades e armazená-la para uso posterior. Eles são incentivados a plantar culturas resistentes à seca e às inundações, que podem ser facilmente colhidas antes de uma evacuação, e estão usando hortas verticais que protegem os cultivos e facilitam a colheita e o armazenamento durante as inundações. Boas práticas de manejo do solo estão ajudando a preservar a qualidade do solo e a reduzir a perda de sua produção.

A Winam e seus parceiros estão apoiando comunidades na construção de celeiros para armazenar alimentos, aumentando a segurança alimentar em caso de perda de colheitas.

Os celeiros são construídos com materiais disponíveis localmente, complementados por bases robustas de cimento e ferro para uma maior durabilidade, e são arejados para evitar perdas de cereais e hortaliças.

Em 2022, com o apoio da Comissão Huairou, a Winam criou um Centro de Meios de Subsistência, onde os membros da comunidade participam de treinamentos sobre armazenamento de hortaliças e alimentos básicos para evitar o desperdício. Eles também aprendem práticas agrícolas indígenas adaptadas às necessidades modernas e métodos de agricultura orgânica, como a transformação de resíduos alimentares em composto rico em nutrientes. Como resultado desses métodos, as comunidades têm cultivado com sucesso culturas como cenoura e batata em áreas baixas que normalmente são consideradas inadequadas para essas culturas.



TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

O processo de tomada de decisão da Winam é fundamentalmente participativo e voltado para a comunidade. Quando uma ideia é proposta, a organização avalia minuciosamente seu potencial impacto na comunidade, cabendo aos próprios membros da comunidade a responsabilidade final de discutir e chegar a um acordo sobre a ideia em questão. Um exemplo dessa abordagem é o renascimento do dero, um sistema tradicional de celeiros.

A ideia foi proposta pelas comunidades afetadas pelas inundações, que, juntamente com a Winam, decidiram adaptar essa prática indígena reforçando os celeiros com cimento e ferro, para lidar com os impactos climáticos, como inundações e calor extremo.



30.000 famílias beneficiadas



Plantando culturas resistentes à seca



Bancos de sementes comunitários



COLABORAÇÃO

O Centro de Meios de Subsistência conecta 30 grupos comunitários já existentes para facilitar intercâmbios, permitindo que as pessoas aprendam umas com as outras e reproduzam novas técnicas em casa. Através desses intercâmbios e do treinamento agrícola, o centro melhorou significativamente os níveis de nutrição das famílias em toda a comunidade.

Como resultado do cultivo local, da conservação de sementes e das práticas regenerativas tradicionais, as comunidades se afastaram dos modelos agrícolas coloniais que obrigam os agricultores a comprarem mudas e fertilizantes importados.

Os jovens estão aprendendo a cultivar alimentos sem usar culturas geneticamente modificadas. Essa abordagem criou um senso de orgulho e fortaleceu os laços dentro da comunidade.



EMPODERAMENTO

Ao defender as dotações orçamentárias e desenvolver documentos de políticas, a Winam tem influenciado diretamente a governança local. Uma parceria com uma organização da sociedade civil resultou em um projeto de lei na assembleia local para fornecer instalações de armazenamento refrigerado para mulheres, abordando diretamente uma barreira fundamental à capacidade das mulheres de conquistar mercados.

As comunidades agora têm as habilidades e informações necessárias para administrar seus recursos agrícolas e econômicos, reduzindo a dependência de insumos externos e, ao mesmo tempo, melhorando a produtividade das culturas alimentares domésticas.

Mary Opot, refletindo sobre a abordagem da Winam, enfatiza que o mais importante é “não reinventar a roda, mas sim organizar e apoiar as capacidades comunitárias existentes”. A Winam continua a provar que iniciativas de base que apoiam o conhecimento local podem gerar mudanças significativas e duradouras.

<https://winamgrassroots.or.ke>



Manutenção de hortaliças saudáveis. Foto: Winam Grassroots

CULTIVANDO FORA DE ÉPOCA

Agroecologia e autonomia para mulheres trabalhadoras agrícolas no oeste e norte da África do Sul



Treinamento prático em horta alimentar. Foto: Madelein Herwil

PESSOAS ENTREVISTADAS:

Madelein Herwil

Organizadora e líder de hortas agroecológicas, do Projeto Mulheres nas Fazendas (Women on Farms).

Denile Samuel

Coordenadora de direitos trabalhistas do Projeto Mulheres nas Fazendas (Women on Farms).

O Projeto Mulheres nas Fazendas (Women on Farms - WFP, na sigla em inglês) está sediado na região do Cabo Ocidental e Setentrional da África do Sul e apoia mulheres empregadas como trabalhadoras agrícolas sazonais.

Como o trabalho nas fazendas dura apenas de quatro a seis meses por ano, as mulheres enfrentam insegurança no emprego, violações de direitos trabalhistas e instabilidade financeira. Por meio de uma abordagem participativa, o WFP trabalha em estreita colaboração com as mulheres para identificar suas necessidades e oferece treinamento para melhorar suas condições de trabalho e qualidade de vida.

Há mais de 15 anos, o WFP identificou uma oportunidade para as mulheres trabalhadoras agrícolas estabelecerem suas próprias hortas agroecológicas.

O projeto aborda um problema urgente: durante os seis a oito meses do ano em que as mulheres não estão empregadas nas fazendas, elas não têm renda. Isso significa que, muitas vezes, elas enfrentam escassez de alimentos e fome, além de não terem atividades significativas que as

mantenham ocupadas durante o período de entressafra. Para agravar o problema, o número de trabalhadores agrícolas permanentes (que são predominantemente homens) está diminuindo, deixando as trabalhadoras sazonais sem uma fonte estável de renda para suas famílias. A iniciativa de hortas do WFP está permitindo que as mulheres alimentem suas famílias e gerem alguma renda vendendo o excedente de produção nas suas comunidades.

O WFP previu que as hortas alimentares poderiam enfrentar vários desafios simultaneamente – fornecer alimentos para a família e a comunidade, gerar renda, fomentar o desenvolvimento de habilidades e promover o crescimento pessoal. Desde o início do programa, mais de 3.500 hortas foram estabelecidas e, somente nos últimos quatro anos, o WFP ofereceu a 120 mulheres treinamento teórico e prático sobre tópicos essenciais como coleta de sementes, classificação de famílias de culturas e controle ecológico de pragas. O WFP fornece todos os insumos necessários para a instalação das hortas, incluindo sementes, ferramentas e recursos. Uma vez estabelecidas as hortas, o programa oferece mentoria contínua para garantir que os cultivos prosperem e apoia as mulheres na venda dos excedentes de produção.



VALORIZAR O CUIDADO

Graças às hortas, as mulheres podem priorizar o cultivo de alimentos que elas realmente gostam de consumir em família, em vez de cultivar produtos apenas para atender às necessidades do mercado. A iniciativa também permitiu que elas reduzissem a dependência de alimentos de supermercados.

A agricultura se tornou uma atividade familiar, com isso, em vez de cuidar das crianças ser um fardo enquanto as mulheres trabalham, as crianças geralmente se envolvem na rega e no cuidado das plantas. Para muitas famílias, essa tem sido uma experiência alegre e de união familiar.

Como explica a horticultrice Nicoline McGee: “A horta me aproximou dos meus filhos. Não costumávamos passar muito tempo juntos, mas agora trabalhamos na horta em família. Mesmo quando participo de workshops, fico tranquila sabendo que meus filhos estão cuidando das plantas. Quando comeci a colher, percebi que não precisava mais comprar hortaliças no mercado. A venda de parte da produção também ajudou a suprir outras necessidades domésticas.”



REGENERAÇÃO E RESILIÊNCIA ECOLÓGICA

O WFP oferece treinamento em métodos agrícolas inteligentes em relação ao clima e resistentes à seca. As hortas seguem princípios agroecológicos, incluindo a produção de composto caseiro e o uso de esterco local, controle natural de pragas e herbicidas orgânicos.

Para lidar com a escassez de água, as mulheres captam e utilizam águas cinzas como fonte alternativa.



TOMADA DE DECISÃO COLETIVA

A iniciativa é impulsionada pelas mulheres, que têm controle absoluto sobre suas hortas. O WFP as incentiva a tomar decisões com base em suas preferências, cultivando as culturas que desejam consumir e compartilhar com suas famílias e comunidades. Isso lhes dá autonomia para escolher o que cultivar, e, ao mesmo tempo, atender às necessidades da família e da comunidade local.

Testemunho da horticultrice Estelle Arendse:

“Foi a primeira vez que criei uma horta. Desde que comeci, minha vida mudou – parece que minha vida tem mais significado. Passo a maior parte dos meus dias na horta, e a parte mais emocionante foi a colheita. Consegui alimentar minha família, mas também vendi parte da minha produção. Isso me deixou muito feliz.”



120 mulheres treinadas



3.500 hortas



Métodos resistentes à seca



COLABORAÇÃO

As hortas do WFP têm gerado um maior senso de comunidade e interdependência. As mulheres compartilham a produção excedente com suas vizinhas, apoiando-se mutuamente e contribuindo para a economia alimentar local. Elas compartilham com alegria histórias de suas hortas e falam sobre como seus filhos gostam de estar ao ar livre, ouvindo histórias e mexendo na terra. Muitas mulheres se lembram de como seus pais e avós tinham hortas e, embora esse conhecimento tenha se perdido durante algum tempo devido às práticas agrícolas coloniais, o treinamento do WFP reacendeu o entusiasmo delas e as inspirou a resgatar os métodos tradicionais.

Mulheres mais experientes, que já participaram de programas anteriores e cujas hortas estão prosperando, desempenham um papel fundamental na facilitação e condução de novas sessões de treinamento.

Essas mulheres mais velhas frequentemente compartilham sementes com participantes mais jovens e menos experientes. A iniciativa despertou o interesse de mulheres mais jovens, muitas das quais estão empolgadas para adotar práticas agroecológicas, marcando uma mudança geracional.



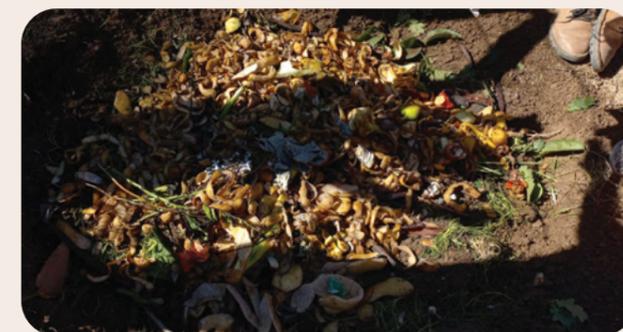
EMPODERAMENTO

Cada mulher normalmente sustenta uma família de 4 a 12 pessoas. Das 30 novas mulheres que participam do treinamento a cada ano, 90% criam com sucesso suas próprias hortas e, como resultado, têm acesso a benefícios sociais e econômicos. Além de reduzir suas despesas com alimentos, as mulheres conseguem obter pequenos lucros vendendo excedentes de produtos como vagem, repolho e beterraba, com algumas ganhando mais de 1.000 rands (US\$ 54) por mês.

Embora os homens às vezes ajudem nas hortas, as mulheres são responsáveis pela maior parte do trabalho. Isso marca uma mudança significativa em relação ao passado, quando os homens eram os principais agricultores e responsáveis pelo manejo da terra.

Essa estrutura tradicional representava um desafio, uma vez que as mulheres não se envolviam com a terra e não tinham o conhecimento necessário para cultivar caso seus maridos falecessem ou decidissem não trabalhar. Agora, as mulheres estão assumindo controle absoluto de suas hortas, criando e administrando os lotes por conta própria. Por meio das hortas, as mulheres não apenas cultivam alimentos para suas famílias, mas também adquirem um senso de independência e orgulho.

<https://wfp.org.za>



Pilha de compostagem. Foto: Madelein Herwil

COCRIANDO MUDANÇAS

O roteiro intersetorial do Vietnã para uma economia humana

Enquanto comunidades estão criando e praticando novas economias em nível local, organizações sociais e instituições de pesquisa estão contribuindo ativamente e defendendo uma mudança em direção ao desenvolvimento centrado nas pessoas, que valoriza tanto o bem-estar humano quanto a saúde do planeta.

Por exemplo, a [Oxfam no Vietnã](#) tem trabalhado com parceiros, institutos de pesquisa e grupos de reflexão locais para desenvolver um projeto para uma “Economia Humana” que coloque as pessoas e o planeta antes dos lucros, contribuindo para o diálogo à medida que o Vietnã faz a transição para se tornar um país de renda média-alta.

Criada por meio de um processo participativo com organizações, acadêmicos e pesquisadores locais, a ideia de uma Economia Humana exige uma visão mais ampla que expanda a medição do crescimento do PIB para indicadores mais holísticos de desenvolvimento e bem-estar, visando à sustentabilidade ambiental, à equidade social e à prosperidade compartilhada para todas as pessoas.

Os principais ingredientes identificados desta economia alternativa são:

- Gerenciar os mercados, em vez de ser gerenciado por eles
- Acabar com a concentração extrema de riqueza
- Tributação progressiva
- Serviços públicos universais
- Igualdade de gênero
- Salários justos
- Novas formas de negócios
- Participação cidadã

Propostas e ideias detalhadas por trás desses elementos-chave têm sido compartilhadas com órgãos governamentais em discussões e eventos, com reconhecimento de alto nível por parte das autoridades. Também tem havido envolvimento com o público para promover o conceito de Economia Humana e incentivar uma maior participação, por meio de eventos como o festival anual de música BridgeFest.

Este evento atrai jovens de todo o país e apresenta práticas e iniciativas lideradas pela comunidade, celebrando a diversidade e inspirando as pessoas a se tornarem agentes de mudança rumo a uma Economia Humana.

Como resultado, há um movimento crescente no país para integrar o conceito de Economia Humana à visão nacional do Vietnã para 2045.



Festival Bridgefest. Foto: Oxfam in Vietnam



Festival Bridgefest. Foto: Oxfam in Vietnam

AMPLIAÇÃO

Os governos desempenham um papel vital

Uma nova economia não é uma visão muito distante. Em todo o mundo, iniciativas comunitárias locais já estão colocando em prática uma realidade econômica alternativa.

Para que todas essas iniciativas tenham uma chance de se firmar dentro do sistema econômico atual e se tornem pioneiras em mudanças sistêmicas, elas precisam de políticas e formuladores de políticas que as apoiem. Um [relatório recente da Oxfam](#) sobre como ampliar modelos de negócios inclusivos, responsáveis e sustentáveis [INSERT LINK HERE] explica os papéis que a sociedade civil e as ONGs devem desempenhar ao trabalhar com empresas, governos e aliados para criar mudanças sistêmicas e duradouras. Este é um guia útil para organizações que compartilham a visão de uma nova economia na qual negócios responsáveis são a norma.

Políticos e agentes públicos e privados precisam apoiar uma mudança fundamental para criar economias que priorizem as pessoas e o planeta, e investir em e ampliar novas práticas econômicas.

Alguns governos já estão mostrando o caminho e começaram a apoiar empresas cooperativas, sistemas alimentares sustentáveis e políticas econômicas inclusivas de gênero.

Em Kerala, na Índia, autoridades governamentais locais investiram em um moinho de farinha liderado por mulheres, reconhecendo o valor da produção de alimentos liderada pela comunidade. No Quênia, esforços de advocacy resultaram em políticas de apoio ao armazenamento refrigerado comunitário para mulheres empreendedoras, evitando o desperdício de alimentos e ampliando o acesso ao mercado.

No Vietnã, a Oxfam – juntamente com parceiros, institutos de pesquisa e grupos de reflexão – tem conseguido envolver com sucesso o governo nacional na promoção de uma “Economia Humana” que enfatiza a equidade, a justiça social, a sustentabilidade ambiental e a ação colaborativa.

Nos Países Baixos, a cidade de Amsterdã iniciou uma parceria público-coletiva chamada [MeentCoop](#), unindo cidadãos, empresários e o município para moldar a economia da cidade. Ao compartilhar conhecimento, recursos financeiros e redes, a MeentCoop visa garantir que, até 2035, pelo menos 35% da economia de Amsterdã seja gerida coletivamente. Amsterdã também é o primeiro município a adotar o ‘pensamento donut’ de Kate Raworth, que promove uma estrutura de desenvolvimento sustentável que visa encontrar um equilíbrio entre atender às necessidades humanas e respeitar os limites do planeta. Em Cleveland, EUA, a Fundação Cleveland, em colaboração com instituições locais, criou uma rede de empresas sustentáveis chamada Evergreen, que fornece bens e serviços a instituições de serviço público, como hospitais e universidades. As empresas são de propriedade dos funcionários, majoritariamente afrodescendentes de bairros historicamente carentes.

Com iniciativas globais como a parceria [Governos da Economia do Bem-Estar](#) (Wellbeing Economy Governments - WEGo, na sigla em inglês), um grupo de governos nacionais e regionais comprometidos com o avanço das economias do bem-estar por meio do compartilhamento de conhecimento, experiência e abordagens políticas participativas eficazes – existe a oportunidade de ampliar um novo modelo econômico. Desde o seu lançamento em 2018, a parceria WEGo cresceu organicamente e agora inclui os governos da Escócia, Islândia, Nova Zelândia, País de Gales e Finlândia, com o Canadá também participando ativamente.

CENTELHAS DE UMA NOVA ECONOMIA

Como comunidades ao redor do mundo estão iluminando o caminho para um futuro melhor

Em todo o mundo, o apelo por um tipo diferente de economia está se tornando cada vez mais forte. Pessoas de todos os continentes estão se perguntando: que tipo de economia realmente queremos? Cidadãos estão agindo, criando iniciativas lideradas pela comunidade que atendem às necessidades de maneiras mais centradas no ser humano.

As iniciativas aqui apresentadas estão centralizando o cuidado, indo além das normas tradicionais de gênero, compartilhando riqueza e poder, criando resiliência, reduzindo os danos ambientais, cultivando alimentos de forma regenerativa e recuperando conhecimento tradicional e cultural. Elas se baseiam em uma visão dos humanos como seres cooperativos, solidários e inerentemente sociais, e não meramente competitivos ou individualistas.

No centro dessas iniciativas estão valores de comunidade, conexão, cuidado mútuo, reciprocidade e administração do planeta.

As iniciativas apresentam ideias e práticas que realmente funcionam. Embora cada contexto necessite de suas próprias adaptações, a esperança é que esses estudos de caso e seus pontos em comum ofereçam uma inspiração valiosa que possa sustentar uma nova realidade econômica.

É hora de celebrar e aprender com as comunidades ao redor do mundo que estão iluminando o caminho para um futuro melhor — não com hesitação, mas com a convicção de que a construção de uma nova economia enraizada na comunidade e no bem-estar das pessoas e do planeta é a centelha que pode criar um futuro justo e sustentável para todos nós.

ESTA É UMA PUBLICAÇÃO FAIR FOR ALL

‘FAIR for ALL’ é uma parceria de Power of Voices (Poder das vozes) com o Ministério das Relações Exteriores da Holanda, em um consórcio com o SOMO (Centro de Pesquisa sobre Corporações Multinacionais), Third World Network-Africa (TWN-Africa), a Comissão Huairou e a Oxfam Novib.

Em todo o mundo, as pessoas estão reagindo contra sistemas que priorizam o lucro em detrimento das pessoas e do planeta. FAIR for ALL apoia esses cidadãos corajosos, permitindo que desempenhem seus diversos papéis como educadores, mobilizadores, criadores e fiscalizadores — alterando desequilíbrios de poder e trabalhando em prol de um comércio global justo e de cadeias de valor que coloquem as pessoas e o planeta antes do lucro.

Direitos autorais e agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas entrevistadas das organizações parceiras da FAIR for ALL que doaram seu tempo e compartilharam suas histórias.

Escrito por Basheerah Mohamed e Rashmi Mistry de Better by Codesign www.betterbycodesign.com

Design por Lise Meyrick de Flying Leaf www.flyingleaf.co.uk

Agradecimentos: Jane Garton, Eduardo Rodrigues, Winne van Woerden, Liza Kollar e Bart Weijts.

© Oxfam Novib e a Huairou Commission 2025

Atuando nos níveis de base, nacional, regional e global, FAIR for ALL financia mais de 100 parceiros da sociedade civil, envolvendo 900 organizações comunitárias e grupos informais. Esta iniciativa abrange 14 países — Brasil, África do Sul, Moçambique, Gana, Nigéria, Quênia, Uganda, Territórios Palestinos Ocupados, Índia, Vietnã, Indonésia, Camboja, Mianmar e Países Baixos — visando instituições regionais na África, Ásia e União Europeia.

Juntos, promovemos mudanças sistêmicas para alterar os desequilíbrios de poder, inspirar ações coletivas em todos os continentes e fazer um apelo às pessoas responsáveis para que respeitem os direitos humanos, protejam o meio ambiente e promovam o empoderamento econômico das mulheres.

Esta publicação está protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser utilizado gratuitamente para fins de advocacy, campanhas, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O detentor dos direitos autorais solicita que qualquer utilização seja registrada junto a ele para fins de avaliação de impacto. Para copiar em quaisquer outras circunstâncias, ou para reutilização em outras publicações, ou para tradução ou adaptação, é necessário obter permissão e uma taxa pode ser cobrada.





**Construir uma nova economia
enraizada na comunidade e
no bem-estar das pessoas e
do planeta é a centelha que
pode criar um futuro justo e
sustentável para todos nós**



OXFAM Novib



HUIROU COMMISSION
Women, Homes & Community